

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mariana Rodrigues Feler Guimarães

**MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO SÉCULO XXI: OS PROTESTOS NA ERA DA
INFORMAÇÃO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Diogo Tourino de Sousa

Juiz de Fora
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Mariana Rodrigues Feler Guimarães, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202472046A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO SÉCULO XXI: OS PROTESTOS NA ERA DA INFORMAÇÃO, desenvolvido durante o período de 3/2026 a 7/2026 sob a orientação de Diogo Tourino de Sousa, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Mariana Rodrigues Feler Guimarães

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO SÉCULO XXI: OS PROTESTOS NA ERA DA INFORMAÇÃO

Mariana Rodrigues Feler Guimarães¹

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade expor e analisar os efeitos do avanço tecnológico e das mudanças na comunicação global, causada pelo surgimento da internet, nos movimentos políticos, em específico no século XXI. Para isso, é apresentada, inicialmente, uma breve análise sobre as manifestações políticas e seus aspectos. Posteriormente, partindo de uma investigação sobre o início do “boom tecnológico”, é apresentado um ensaio sobre como a transformação dos meios de comunicação, provocada pelo advento da tecnologia e pelo surgimento das redes sociais, acarretou mudanças na organização e na difusão de protestos e outras formas de manifestações populares. O trabalho contém, ainda, um estudo sobre as características das mobilizações coletivas na atualidade, analisando o papel desempenhado pelas redes sociais e plataformas digitais nos movimentos políticos na atualidade. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, fundamentada principalmente em obras de Judith Butler, James M. Jasper, Manuel Castells, Paolo Gerbaudo e Stefania Milan. Ao final do trabalho, conclui-se que as redes sociais transformam as condições que permitem a organização e a difusão das manifestações políticas, mas não substituem a ocupação do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações políticas. Redes sociais. Ativismo digital. Era da informação.

1. INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico desencadeou uma série de transformações em diversas áreas na sociedade, além do aumento significativo da velocidade da circulação de informações, o surgimento de novas tecnologias permitiu também uma mudança nas formas de comunicação e até mesmo na organização da vida coletiva. Os impactos dessas transformações são refletidos em diversos âmbitos da sociedade, incluindo o político. As mídias sociais e os novos meios de comunicação permitiram a ampliação da difusão em larga escala de mobilizações sociais, o que acabou ocasionando uma descentralização dos movimentos. Nesse contexto, o entendimento da relação entre as tecnologias de informação e as manifestações políticas é essencial para analisar como se dá a participação política no século XXI.

Antes de analisar os avanços tecnológicos e seus efeitos sobre as manifestações políticas na atualidade, é fundamental compreender as manifestações políticas e seus principais aspectos. As manifestações representam uma das principais formas de participação política coletiva na esfera pública. Ao longo do tempo, essas mobilizações acompanharam as mudanças sociais e foram adaptadas de acordo com os recursos disponíveis em cada situação.

Historicamente, as manifestações políticas sempre se fizeram presentes nas sociedades, atuando como canais para externalização de reivindicações da população. Judith Butler (2018) compreendeu as manifestações em massa como sendo uma rejeição conjunta às condições de precariedade que afetam a humanidade. Segundo a autora, o ato de se reunir demonstra persistência e reconhece a existência das pessoas. Ainda para Butler (2018) “os corpos em assembleia ‘dizem’: ‘nós não somos descartáveis’”.

Os protestos e as manifestações políticas não dependem somente da ocupação de um espaço ou local físico para acontecer, eles dependem principalmente das pessoas, de corpos que de fato apareçam como atores políticos, em prol de um objetivo comum. A reunião desses atores busca justamente a reivindicação da igualdade e o enfrentamento de algum cenário de injustiça (Butler, 2018).

Neste panorama, os movimentos sociais configuram espaços nos quais as pessoas conseguem expressar e compartilhar seus princípios morais. Os indivíduos aproveitam as ferramentas que tem a seu dispor,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: mariana.feler@ente.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Diogo Tourino de Sousa.

como a mídia e as identidades conjuntas, para mobilizar outras pessoas, e assim criar um movimento coletivo que tem como principal objetivo expressar a visão desse grupo de pessoas sobre a moralidade, tentando provocar mudanças reais no mundo (Jasper, 2016). Mesmo que as transformações da tecnologia tenham provocado reconfigurações em diferentes aspectos das mobilizações sociais, a ação coletiva em volta de um objetivo comum continua sendo o principal agente das manifestações. Esse tema será discutido ao longo deste trabalho.

O presente trabalho visa examinar como os avanços da tecnologia e a ampliação do uso das redes sociais afetaram as mobilizações políticas e a organização de protestos e manifestações no século XXI. Para isso, serão analisados os aspectos das manifestações políticas na atualidade, investigando também como eles se relacionam com as novas tecnologias e formas midiáticas que tiveram sua ascensão no século XXI. A pesquisa é elaborada por meio de revisão de literatura e dividida em três seções principais, na primeira serão analisadas as dinâmicas por trás das manifestações políticas; na segunda será apresentado um breve estudo sobre as inovações tecnológicas que moldaram as dinâmicas do século XXI; por fim, na terceira seção, serão discutidas as manifestações políticas na atualidade, considerando o tecnológico.

2. Manifestações políticas e a Era da Informação

2.1 As manifestações políticas

Para compreender as manifestações políticas, é necessário primeiro entender os motivos por trás do ato de se manifestar, entender o que leva as pessoas a saírem de sua zona de conforto para protestar nas ruas. Para Perry Anderson (2015), o senso de injustiça é o elemento chave para o despertar da indignação que motiva as pessoas a se manifestarem. Nesse aspecto, o historiador conclui que “a injustiça enfurece a multidão e a põe em ação” (Anderson, 2015). De acordo com ele, o que mobiliza as pessoas e as leva a se politizarem não é a esperança de que as coisas podem ou vão melhorar, e sim a percepção de uma piora recorrente da realidade na qual estão inseridas.

A inconformidade coletiva, quando é alimentada, consegue fazer com que jovens, adultos e idosos saiam de suas casas e, coletivamente, ocupem os espaços das ruas, gritando sua indignação. Ressaltase que, comumente, os propulsores dessa faísca que promove a indignação de um grande grupo de pessoas são os indivíduos que se sentem próximos a determinada causa. Esse grupo menor tem o poder de comover e incentivar as outras pessoas, provocando um aumento na adesão aos protestos.

Quando Perry Anderson (2013) explica as manifestações de junho de 2013, que serão analisadas um pouco mais a fundo posteriormente, ele aponta que a violenta reação da polícia em relação aos protestos foi um fator de extrema relevância para a ocorrência de um aumento na repercussão dos acontecimentos. Essa análise dialoga com a perspectiva de Jasper (2014), que diz que um “choque moral”, que pode ser causado por algum evento ou informação impactante, é capaz de gerar um senso de urgência capaz de mover as pessoas e as motivar a agirem. Esse choque moral provoca o senso de indignação explicado por Anderson (2013) que, essencialmente, dá origem às mobilizações coletivas.

Pensando nessas mobilizações, Butler (2018) discorre sobre a ocupação do espaço público, se referindo ao “poder que as pessoas têm de se reunir” e debate que:

Quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária (p.18).

Para Butler (2018) a ocupação dos espaços públicos é um direito da população, e quando as pessoas exercem esse direito de aparecer elas estão promovendo a reivindicação de seus direitos. Essa aparição é importante para manter o povo inserido na política, como agente principal na democracia.

2.2 A Era da Informação e seus impactos na comunicação

Uma das características mais marcantes do século XXI é o exponente avanço tecnológico, que provocou e continua provocando mudanças na velocidade e na intensidade da circulação de informações. Esse fator contribui para uma mudança na forma que a população se manifesta, tendo as redes sociais como um ponto central para o acontecimento das manifestações. Nos últimos anos, o crescimento e a popularização das redes sociais fizeram com que o ambiente digital se tornasse mais do que somente uma plataforma, o “mundo online” se tornou parte da vida das pessoas e o espaço digital agora é tão relevante quanto o espaço físico.

A chamada Era da Informação, que também é conhecida como Era Digital, é um período histórico que começou no final do século XX e se estende até os dias de hoje. Figueiredo explica que:

O termo Era da Informação se refere a um período na história, iniciado no final do século 20, caracterizado pela capacidade de transferir informações de maneira instantânea e global. Este período é marcado por avanços significativos na tecnologia de comunicação e informação. O foco principal da Information Age é na acessibilidade, criação, processamento e compartilhamento de informações. Esta era é amplamente impulsionada pelo advento de computadores, a internet e a capacidade de digitalizar informações. Por outro lado, Era Digital é um termo que tende a se concentrar mais especificamente na tecnologia digital e seu impacto na sociedade. (Figueiredo, [s.d.])

A internet teve origem na década de 1960, com o intuito de ajudar na comunicação militar durante a Guerra Fria. A partir disso, nas décadas seguintes, diversas universidades e centros de pesquisa no mundo todo se dedicaram para aprimorar essa rede de comunicação. Em 1990 foi criada a “world wide web” (WWW), por um pesquisador da CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear), na Suíça. A princípio essa rede era utilizada para fins de comunicação acadêmica, com o compartilhamento de pesquisa e descobertas, mas logo diversos pesquisadores criaram sistemas operacionais que democratizaram o uso dela (Castells, 2002). Depois disso, os avanços continuaram acontecendo rapidamente e até o fim da década de 1990 computadores do mundo todo trocavam informações instantaneamente (Seren, 2014). Nos dias de hoje, essa rede é a base para a forma organizacional da “Era da Informação” (Castells, 2003 apud Seren, 2014).

Apesar da origem da internet ter se dado no século XX, o “boom tecnológico” se intensificou após a chegada dos smartphones e a criação das primeiras redes sociais, no início do século XXI. O uso desses aparelhos facilitou ainda mais a constante conexão com a internet, que se tornou uma característica marcante deste século e provocou mudanças no modo de viver das pessoas. Com o grande avanço da tecnologia que aconteceu já nas primeiras décadas do século XXI e continua a escalar dia após dia, foi necessária uma adaptação. A revolução tecnológica que impulsionou as tecnologias da informação começou a “remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado” (Castells, 2002).

Os aparelhos eletrônicos se tornaram parte essencial da vida de muita gente ao redor do mundo e estabeleceram um ambiente eletrônico em meio ao ambiente físico real. Seren (2014) se refere a esse fenômeno como um “nomadismo eletrônico em meio ao espaço urbano de aço e concreto”. Ainda na década de 90, Castells (2002) reconheceu os efeitos da tecnologia na comunicação global e identificou que:

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (p. 40)

Esse avanço da tecnologia e dos aparelhos moveis provocou também um fenômeno de globalização da comunicação ainda mais forte do que foi na década de 1990. Com o crescimento do uso das redes sociais, a velocidade da circulação de informação também cresceu, contribuindo para a unificação de movimentos e, conseqüentemente, para a possibilidade de uma conscientização em escala global sobre qualquer pauta. Dessa forma, as barreiras geográficas dos movimentos políticos se tornam quase nulas, possibilitando com que aconteçam protestos no mundo inteiro com o mesmo objetivo.

É válido ressaltar que, por mais democrática que a internet pareça (cerca de 5,6 bilhões de pessoas estão conectadas a internet, isso é aproximadamente 60% da população global), em países de baixa renda, principalmente no sul global e na África Subsaariana, a taxa de conectividade da população está abaixo de 35%. Isso afeta diretamente o acesso à informação dos habitantes dessas regiões, de acordo com dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT, 2025 *apud* ONU News, 2025).

3. AS MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NA ATUALIDADE E A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS

3.1 A influência da internet sobre as manifestações políticas

E a internet toma as ruas, ajudando a potencializar o grito sufocado de muitos brasileiros, cada um com seu protesto. Os gritos *online* ganham força e tornam-se o reflexo da mesmice e da insatisfação social. (Tarcitano, 2013)

A partir da compreensão do impacto do avanço tecnológico na forma de comunicação entre as pessoas, estabelecida anteriormente, podemos analisar como as manifestações políticas são afetadas pelas novas tecnologias que surgiram entre o final do século XX e o início do século XXI.

[...] as práticas contemporâneas de agregação social estão usando as tecnologias de rede para ações que reúnem muitas pessoas, às vezes multidões, que realizam um ato em conjunto e rapidamente se dispersam. Essas práticas podem ter finalidades artísticas, como uma performance, ou ter um objetivo mais engajado, de cunho político-ativista. (Lemos, 2004, *apud* Seren, 2014)

Atualmente muitas organizações populares têm utilizado as plataformas online como ferramenta para disseminar suas ideias ou reivindicações. Um exemplo desse fenômeno são as manifestações que usaram SMSs como plataforma de divulgação e organização dos protestos antiglobalização nas Filipinas, em 2017, que resultaram na deposição do presidente (Seren, 2014). Já no Brasil, tivemos as manifestações do Movimento do Passe livre, em 2013. Em São Paulo os protestos começaram com cerca de 10 mil pessoas nas ruas e, devido à grande repercussão do caso na mídia e nas redes sociais, o número de pessoas participando rapidamente aumentou (Anderson, 2013). A partir desses exemplos se percebe que o uso de tecnologias móveis para a mobilização popular está em constante crescimento e é um fenômeno de alcance global (Seren, 2014).

As manifestações de junho de 2013, foi como ficaram conhecidos os protestos realizados pelo Movimento Passe Livre, que se opôs ao aumento das tarifas dos transportes públicos na cidade de São Paulo. Ele foi caracterizado pela tomada das ruas por milhares de estudantes, abordando pautas como a qualidade do serviço público da cidade. O caso teve uma grande repercussão em todo o país devido a cobertura midiática e a vocalização dos protestantes em suas redes sociais. Breno Bringel analisa essa participação dos manifestantes nas plataformas digitais e conclui que:

No entanto, não cabe ignorar o papel jogado por outros coletivos (e indivíduos) que, sem estarem organizados na “forma movimento”, também tiveram papel central na mobilização inicial e, principalmente, na difusão dos protestos. Trata-se de uma dinâmica relacional e contingente, e os movimentos iniciadores, nesse caso, paradoxalmente, muito se beneficiaram da repressão dos protestos, além da rapidez na conectividade facilitada pelas “novas mídias”. Nas primeiras mobilizações prévias à repressão, nota-se também que a cobertura dos meios convencionais foi praticamente nula e que o perfil dos participantes era de militantes com algum engajamento prévio em mobilizações sociais. (Bringel, 2014)

O sociólogo ainda discorre sobre alguns aspectos relacionados à descentralização de movimentos na atualidade, como aconteceu com os protestos de junho de 2013:

Mobilizações de massa nem sempre são controladas pelas organizações sociais e políticas, menos ainda em nossos tempos, onde emerge um novo tipo de ação política viral, rizomática e difusa. Este é um grande desafio teórico e político, pois exige adaptar e renovar nossas formas de luta e de interpretação das ações coletivas diante de atuações mais invisíveis, com maior protagonismo da agência individual, da configuração de novos atores, de militâncias múltiplas e organizações mais descentradas (conquanto não espontâneas) e de repertórios mais mediáticos e performáticos. Somente assim será possível captar os sentidos da indignação social contemporânea. (Bringel, 2014)

Partindo dessa compreensão, percebe-se que a internet permite uma aliança entre tribos distintas, que se juntam em prol de um objetivo comum, unificando suas forças para intensificar o resultado de suas manifestações. “Os símbolos e os rituais dos protestos ajudam a transformar sentimentos individuais e isolados de frustração em uma força coletiva visível” (Jasper, 2016). As plataformas digitais se tornaram uma ferramenta que auxilia a fortalecer as identidades coletivas e provoca uma ampliação no alcance das mobilizações.

Esse senso de identidade individual e coletiva que possuímos também pode ser afetado pelas redes sociais. A reorganização de ações sociais que ocorrem nas plataformas digitais modifica como enxergamos as comunidades devido as experiências vivenciadas nas mídias (Milan, 2015).

3.2 - O papel das redes sociais na organização de manifestações políticas

As redes sociais não organizam sozinhas uma manifestação, mas desempenham um papel de grande relevância nesse aspecto. De acordo com Paolo Gerbaudo (2013), as redes servem para construir um tipo de “coreografia de assembleia”, que ajuda a organizar e até mesmo potencializar a tomada dos espaços públicos, coordenando os detalhes das manifestações, como a definição de local e horário.

Gerbaudo (2013) também argumenta que, além de promover a organização da logística das manifestações, as redes sociais ajudam na formação de um sentimento de pertencimento entre indivíduos que possuem princípios semelhantes. As plataformas digitais têm o poder de aproximar pessoas, que, por sua vez, se reúnem em grupos a favor de um objetivo comum.

Além de representar um papel importante no surgimento de um protesto, as redes sociais também cumprem funções quando ele está acontecendo e até depois que a ocupação das ruas terminou. Para Butler (2018):

Uma vez que não existe vontade popular que exercite o seu efeito legitimador sendo demarcada ou produzida dentro de um enquadramento, a luta pela legitimação invariavelmente acontece no jogo entre as representações públicas e as imagens da mídia, no qual espetáculos controlados pelo Estado competem com telefones celulares e redes sociais para cobrir um evento e o seu significado. A filmagem das ações da polícia se tornou uma

maneira-chave de expor a coerção patrocinada pelo Estado sob a qual opera atualmente a liberdade de assembleia. (p.27)

As condições de aparição, de acordo com Judith Butler (2018) são as condições de infraestrutura que permitem a vocalização das reivindicações do povo. Os meios tecnológicos e midiáticos compõem uma parcela relevante dessas condições. Dialogando com essa compreensão de Butler, Stefania Milan (2015) pontua que:

A “materialidade” das redes sociais passou a constituir o veículo do trabalho de produção de sentido: em outras palavras, tornou-se o processo pelo qual o simbólico se concretiza, em vez de ser apenas a sua representação física (ou digital). Contudo, não se trata de um veículo neutro: as plataformas não apenas transportam, mas também “transformam, traduzem, distorcem e modificam” (Latour, 2005, p. 108) conteúdos e relações — ao, por exemplo, mensurar interações com o objetivo de alterar a própria reatividade que elas mesmas estimulam (Gerlitz & Lury, 2014). (p.3).

Partindo dessa compreensão, percebe-se que as plataformas digitais também fazem parte da estrutura das manifestações políticas e dos movimentos sociais. Devido a sua capacidade de promover a organização da ação coletiva, as redes sociais se tornam parte da ação política, contribuindo para a organização e para o aumento da visibilidade de movimentos.

A transformação das manifestações políticas também sofre influência da “sociedade em rede” (Castells, 2002). Para o autor “os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise estrutural de legitimidade”, essa crise é marcada pela dependência da cobertura midiática e pelo enfraquecimento da liderança e de sua proximidade com as pessoas. Além disso Castells (2002) aponta a fragmentação dos movimentos sociais que tendem a estar “brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia nesse mundo de mudanças”. Ele também ressalta que essa fragmentação leva as pessoas a se reagruparem em torno de identidades com as quais se sentem próximas. As redes sociais facilitam esse reagrupamento, pois permite a unificação de diferentes grupos. Existe um certo debate relacionado a existência de um “esvaziamento do debate político no espaço público” (Seren, 2014), mas, com a ascensão do espaço virtual esse debate ganha novas nuances. As discussões sobre escassez da participação política da parte dos jovens (seja em manifestações e protestos ou até mesmo no ato de votar) mudam, a questão deixa de ser sobre a existência de uma apatia e afastamento, deixa de ser sobre se os jovens participam das ações políticas e passa a questionar como e onde essa participação está acontecendo. Muitas vezes a ocupação das ruas fica em segundo plano para ações online, mas isso não significa, necessariamente, que não existe participação ativa das gerações mais novas.

O que muitas vezes é considerado apatia da parte dos jovens pode ser interpretado como uma mudança estrutural na forma de se produzir política. Como explica Angela Alonso, existe uma diferença marcante entre o ativismo tradicional e as novas formas de contestação:

Diferentemente dos movimentos sociais clássicos [...], cujo ator paradigmático era a classe operária organizada em sindicatos e partidos de massa, os movimentos contemporâneos operam em uma chave plural. Suas pautas são frequentemente transversais [...] Suas formas de organização mimetizam essa pluralidade, estruturando-se em redes flexíveis e descentralizadas que rejeitam a hierarquia rígida e a delegação de poder, privilegiando a democracia direta e a horizontalidade nas decisões. (Alonso, 2007, p. 55).

Dessa forma, as transformações nas manifestações políticas observadas ao longo deste trabalho não representam um abandono do cenário político por parte das novas gerações, elas somente contribuíram para uma reconfiguração da participação delas. A juventude conectada não parou de participar da política, mas sim passou por uma transição onde as instituições tradicionais migram para as redes e se tornam mais flexíveis e horizontais. As redes sociais se tornaram uma ferramenta para a mobilização política, além de uma grande aliada da ocupação das ruas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço das tecnologias de informação e comunicação, juntamente com a consolidação da Era da Informação, provocaram mudanças em diversas áreas da sociedade e transformaram significativamente as dinâmicas das manifestações políticas no século XXI. Ao longo deste trabalho foi possível perceber que a tecnologia se tornou um elemento central na organização de movimentos políticos. Através das redes sociais, muitos grupos encontraram formas de potencializar suas mobilizações, pois elas facilitam a circulação de informações, fazendo com que as pautas ganhem mais visibilidade.

A partir do presente trabalho foi possível concluir que as plataformas digitais assumem um papel importante nos movimentos políticos na atualidade, entretanto, essas plataformas não substituem as ruas. As redes sociais e as mídias digitais colaboram para a ação coletiva, mas a presença das pessoas nos espaços físicos ainda é de extrema importância para a reivindicação de seus direitos. Como foi observado por Butler (2018), é justamente na ocupação do espaço público que os corpos que se reúnem em assembleia exercem seu direito de aparecer e expressar suas opiniões.

O que é possível concluir com este trabalho é que as redes sociais e as plataformas digitais se integraram como parte da infraestrutura das manifestações políticas na atualidade. Elas também permitem uma organização mais horizontal e menos centralizada dos movimentos, ajudando na construção de identidades coletivas que são capazes de unir grupos distintos. Foi possível também perceber que o advento das redes sociais afetou, principalmente, a forma de participação das gerações mais novas na política. As redes sociais e os canais de comunicação online possibilitam com que parte das mobilizações promovidas pelos movimentos políticos ocorram no ambiente digital, alcançando milhares de jovens ao redor do mundo inteiro.

Por causa da popularização das redes sociais e das mídias digitais, as reivindicações da população podem ser difundidas no ambiente digital enquanto, simultaneamente, ocorre a ocupação dos espaços públicos, nas ruas. Também é possível que uma pauta se inicie nas redes, ganhe visibilidade nesse espaço e depois alcance as ruas, ou vice e versa. A inserção de discussões políticas no ambiente digital se tornou de extrema importância, pois, além de aumentar o alcance de assuntos importantes, a internet também tem o poder de democratizar o acesso à informação. E, considerando que a maior parte da população está “online”, o ativismo digital se faz necessário e muito útil na sociedade moderna.

Por fim, conclui-se que as plataformas digitais, apesar de serem muito relevantes para a articulação das manifestações políticas, não representam uma ameaça à ocupação das ruas. Os movimentos políticos agora existem na internet e nas ruas e esses espaços se complementam, agindo juntos para potencializar os objetivos dos movimentos políticos. O intuito por trás do uso das plataformas de comunicação digitais no contexto das manifestações políticas está relacionado com a intensificação do alcance dos movimentos, bem como a facilitação de aspectos organizacionais dessas manifestações, e não com a substituição do espaço físico pelo digital.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 70, p. 49-86, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/HNDFYgPPP8sWZfPRqnWFXxz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jul. 2026.

ANDERSON, Perry. A origem das manifestações políticas. **Fronteiras do Pensamento**, 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/assista/exibir/a-origem-das-manifestacoes-politicas>. Acesso em: 8 jul. 2026.

ANDERSON, Perry. A rua e o poder. **Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, 2013. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/?catid=0&id=525277>. Acesso em: 6 jul. 2026.

BRINGEL, Breno. Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, n. 64, p. 24-37, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/miopias-sentidos-e-tendencias-do-levante-brasileiro-de-2013/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nueva Sociedad**, [s. l.], nov. 2015. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/junho-de-2013-dois-anos-depois/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 1. (A era da informação: economia, sociedade e cultura).

FIGUEIREDO, José Nelson. Era da Informação & Era Digital. **Personal KnowledgeLab**, [s. d.]. Disponível em: <https://publish.obsidian.md/josenelsonfigueiredo/Notas/Tecnologia+da+Informação/Era+da+Informação+%26+Era+Digital>. Acesso em: 8 jul. 2026.

GERBAUDO, Paolo. **Tweets and the Streets**: Social Media and Contemporary Activism. London: Pluto Press, 2012.

JASPER, James M. **Protesto**: uma introdução cultural aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MILAN, Stefania. From Mobile Socialities to Cloud Protesting: the Information Ecology of Contemporary Social Movements. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305115622481>. Acesso em: 7 jul. 2026.

ONU NEWS. **Cresce número de usuários na internet, mas desigualdades aprofundam-se**. Nova York, nov. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/11/1851558>. Acesso em: 21 jun. 2026.

TARCITANO, Terezinha. Internet: da virtualidade para a realidade das ruas. **Congresso em Foco**, 6 jul. 2013. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/55631/internet-da-virtualidade-para-a-realidade-das-ruas>. Acesso em: 21 jun. 2026.